

Otomanos sob o olhar luso durante o século XVI

Ana Cláudia dos Santos Joaquim

Mestre em História Moderna e dos Descobrimentos
Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Resumo/ Abstract

Propõe-se como tema de comunicação “Otomanos sob o olhar luso durante o século XVI”. Partindo essencialmente das descrições de cronistas da época, mas também de alguma correspondência, pretende-se, pois, compreender de que forma os portugueses olhavam para os famosos “Rumes”, como lhes chamavam, e os descreviam.

Deste modo, e apesar de o império otomano só ter conquistado o império mameluco em 1517 e de, portanto, só a partir desta data ter havido uma maior rivalidade com os portugueses presentes na Índia e, conseqüentemente, mais descrições deste povo, a verdade é que é necessário recuarmos um pouco no tempo para podermos fazer esta análise, uma vez que, ao que conseguimos constatar, termos como o de “Rumes” não surgiram só em 1517, mas anteriormente. Este estudo tem, assim, como balizas temporais o século XVI, *grosso modo*, apesar de se recuarem várias vezes ao século XV, por questões de comparação.

Mas ainda que a nossa análise não foque uma vertente político-militar, mas sim sociocultural, é necessário, em primeiro lugar, fazer um contexto, ainda que breve, para se compreenderem as descrições a que nos reportamos.

Paper

Império Otomano

Segundo Dimitri Kitsikis, o império otomano foi, a par da monarquia hispânica, um dos maiores impérios sedentários e uma das mais importantes civilizações do 2º milénio, da nossa Era, durando mais de 600 anos e sob a direcção de apenas uma dinastia¹.

Este império tinha a característica de ser multicontinental, estendendo-se, à época da sua máxima extensão, por três continentes: Europa, África e Ásia, de onde era originário².

Originários do interior asiático, os turcos constituíam, de facto, há dois milénios, um dos principais grupos de nómadas que viviam na região da actual Mongólia. Começando a penetrar no mundo muçulmano no século VIII, os califas abássidas recrutavam-nos para os seus exércitos, pelo seu fervor guerreiro. E é deste modo que, no século XI, os turcos constituíam já um dos principais grupos do islão sunita³.

A primeira grande dinastia turca foi a dos turcos Seljúcidas que ocuparam Bagdade, em 1055, a Síria e a Palestina (1070-1080), incorporando, deste modo, Jerusalém nos seus domínios, o que motivou a primeira cruzada à Terra Santa, entre 1096 e 1099⁴. Mas esta dinastia logrou, ainda, conquistar a Anatólia (região que, actualmente, corresponde ao território da Turquia, *grosso modo*) ao império bizantino, virando-se de seguida para o que restava deste império.

A sua expansão para a Europa oriental já não foi, todavia, liderada pelos Seljúcidas, cujo poder começou a enfraquecer de modo decisivo a partir de meados do século XIII. No fim do século, um pequeno emirado liderado por Osman (1298-1326) reunificou a Anatólia, começando, então a dinastia dos otomanos⁵.

Com o segundo sultão, Orkhan (1326-1359), os turcos otomanos iniciaram a sua presença sistemática na Europa que culminou, numa primeira fase expansionista, na tomada de Constantinopla, por Maomé II (1451-1481), a 29 de Maio de 1453, e consequente supressão do império bizantino⁶.

¹ Cf. Dimitri Kitsikis, *L'Empire Ottoman*, Paris, Presses Universitaires de France, 1985, p.3.

² Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 3-4.

³ Cf. João Paulo Costa, s.v. «Turcos» in *Dicionário dos Descobrimentos Portugueses*, Luís de Albuquerque (direcção), vol. II, s.l., Círculo de leitores, 1994, p. 1048.

⁴ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 1048.

⁵ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 1048.

⁶ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 1048.

Esta conquista, para além de simbólica, foi também absolutamente decisiva para a consolidação do império otomano. Os cristãos tinham, pois, perdido a sua única base estratégica contra os turcos otomanos, ao passo que estes haviam ganho uma nova capital para o seu império, que nesta altura se estendia já pela Ásia e pela Europa. A conquista de Constantinopla foi, então, a base que permitiu o avanço turco sobre a Europa, até ao final do século XV, bem como a indiscutível hegemonia do mesmo no Mediterrâneo oriental, na viragem para o século seguinte⁷.

Entretanto, em 1512, chegaria ao poder Selim I que, em apenas oito anos de governo, teve a capacidade de quase duplicar os seus territórios imperiais. Em 1514 atacou a Pérsia, maior rival do império otomano na Ásia⁸, virando-se, em 1516-1517, para o império mameluco. Os otomanos tornaram-se, deste modo, nos detentores das cidades santas do Islão e Selim I advogava para si o título de califa⁹.

Selim I acabou por falecer em 1520, em circunstâncias misteriosas, sucedendo-lhe o seu filho, Soleimão, *O Magnífico*, cujo governo ficou marcado pelo apogeu do império otomano¹⁰.

Um ano depois, em Dezembro de 1521, chegaria ao poder, em Portugal, D. João III, cujo reinado foi, deste modo, muito marcado pela ameaça otomana, tanto na Europa como nas possessões portuguesas na Ásia¹¹. Ameaça, essa, que se fez sentir muito mais durante este reinado do que no do seu pai, D. Manuel I, uma vez que os otomanos só haviam conquistado o império mameluco quatro anos antes da sua morte, em 1517. Efectivamente, até então os portugueses ainda não tinham entrado em contacto directo com os otomanos¹², o que só aconteceu graças à penetração dos primeiros no Mar Árábico e à conquista do império mameluco¹³.

⁷ Cf. Ana Isabel Buescu, *D. João III*, s.l., Círculo de Leitores, 2005, pp. 106-107.

⁸ Na verdade, a Pérsia atravessava nesta altura um período de reorganização política que acabou por transformar a história da região. De facto, a partir de 1499, o xá Ismael iniciou o período de obediência xiita nos seus territórios, o que lhe granjeou uma grande originalidade religiosa e cultural no seio do mundo muçulmano, a par da sua crescente influência regional a nível linguístico e civilizacional. A nível militar, a presença portuguesa não causava qualquer alteração no domínio que os persas exerciam sobre as áreas vizinhas, ao passo que estes se confrontavam naturalmente com os turcos. Deste modo, Portugal surgia como um potencial aliado aos olhos dos persas, que poderia conter os expansionismos marítimos turcos. Cf. António Dias Farinha, «As relações dos Portugueses com os Árabes e os Persas na Área do Índico» in *Vasco da Gama e a Índia. Conferência Internacional, Paris, 11-13 Maio 1998*, vol. I, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 175.

⁹ Cf. Ana Isabel Buescu, *Op. Cit.*, p. 107.

¹⁰ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 107.

¹¹ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 157.

¹² Referir-nos aos portugueses e aos otomanos de forma global, não incluindo os poucos otomanos que, por vezes, incorporavam outras expedições inimigas contra os portugueses.

¹³ Cf. João Paulo Costa, *Op. Cit.*, 1049.

Ainda assim, este contacto já poderia ter existido anteriormente, na Europa, uma vez que, após a queda de Constantinopla, o Papa Calisto III havia feito um apelo aos reis cristãos da Europa que preparassem uma cruzada, para libertar esta cidade. Deste modo, D. Afonso V organizou uma armada, que acabou por ser utilizada para a conquista de Alcácer Ceguer, em 1458, devido ao facto de outros reis cristãos mostrarem pouco interesse em participar nesta iniciativa¹⁴.

Em 1480, o mesmo monarca português voltou a responder a um novo apelo papal, resultante de um ataque otomano a Nápoles, enviando uma nova armada, comandada por D. Garcia de Meneses, bispo de Évora. Porém, devido a longas demoras em Barcelona, Roma e Nápoles, esta armada portuguesa acabou por já não encontrar a frota turca¹⁵. Mais tarde, em 1501, D. Manuel I respondeu a um pedido de ajuda de Veneza, enviando uma nova armada, que também não teve quaisquer resultados práticos¹⁶.

Desta forma, apenas em 1517 o império português e otomano se defrontaram verdadeiramente apesar de os seus homens já o fazerem há mais de uma década na Ásia¹⁷. Fernão Lopes de Castanheda, reportando-se a uma batalha decorrida entre portugueses e muçulmanos, em 1504, dizia o seguinte: “ (...) e durou a peleja per espaço de uma hora, em que os inimigos todos fizeram fim, sem haver nenhum que quisesse procurar pela vida, e os nossos nom ficaram tão alegres da vitoria que nom morressem sete deles e 33 feridos. Estes desta nau eram turcos e por isso pelejaram assim (...) ”¹⁸. Constata-se, então, que desde muito cedo os portugueses tiveram contacto com os otomanos, apesar de os mesmos ainda não terem submetido o império mameluco, e compreendendo-se que os mesmos eram guerreiros singulares, merecendo o seu respeito e temor.

Este facto já era, aliás, percebido ainda antes da chegada dos portugueses à Ásia. Ainda durante o século XV, em Portugal, já se tinha consciência do forte poderio militar otomano. Rui de Pina, na sua crónica sobre D. Afonso V, reportando-se ao apelo de Calisto III, afirmava que “ (...) a empresa do turco nom menos por escusada, pois el

¹⁴ Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 1048-1049.

¹⁵ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 1049.

¹⁶ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 1049.

¹⁷ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 1049.

¹⁸ Cf. Fernão Lopes de Castanheda, *História*, livro 3, cap. 63.

Rey ficaua nella soo, em que pela desyqual comparaçam de poder, que delle ao contrario turco auia, sem duuida se perder”¹⁹.

Apesar de em meados do século XV o império otomano ainda não ter atingido o seu apogeu, como já vimos, a Europa e, neste caso concreto, os portugueses tinham, já, tomado consciência da força militar dos mesmos²⁰.

No entanto, apenas no século XVI os dois impérios chocariam verdadeiramente entre si, nomeadamente a partir de 1517 pelo motivo acima evocado. Deste modo, durante o período seiscentista o império otomano foi, sem dúvida, o grande rival dos portugueses não só na Ásia, com a luta a estender-se desde a África oriental até à Insulíndia, bem como, ainda, em Marrocos e, até mesmo, na costa do reino²¹.

Porém, a maior rivalidade e, conseqüentemente, os maiores contactos entre os dois impérios fez-se sentir no oriente. E, deste modo, analisámos relatos coevos, nomeadamente crónicas, que relatam os feitos dos portugueses na região, a fim de tentarmos compreender de que modo os portugueses viam e descreviam os otomanos, durante o século XVI.

Origem do termo “Rumes”

Vimos, já, como Castanheda nos fala da existência de “turcos”, durante uma batalha decorrida em 1504. Nos anos que se seguiram, os otomanos ajudaram os mamelucos a preparar uma armada para tentar expulsar os portugueses do Índico, cedendo, não só, armamento, como também um grupo de mercenários: os “rumes”, sobre quem as crónicas se referem²².

Analisando detalhadamente as crónicas sobre a presença portuguesa na Ásia, todas elas nos apresentam pela primeira vez este termo quando se referem a esta armada que defrontou os portugueses em 1508, onde foi morto D. Lourenço de Almeida filho do vice-rei, D. Francisco de Almeida²³. Quando este termo é apresentado, nenhum dos cronistas que se refere a esta expedição se preocupa, no entanto, em explicar quem são estes homens, afirmando, apenas, que os mesmos estão presentes nesta altura.

¹⁹ Cf. Rui de Pina, *Crónica de D. Afonso V*, cap. Cxxxv, p. 452.

²⁰ Até porque depois da conquista de Constantinopla, em 1453, se seguiram outras, como a de Peloponeso, em 1458, ou de actuais regiões da Albânia, vinte anos depois, por exemplo. Cf. Ana Isabel Buescu, *Op. Cit.*, p. 107.

²¹ Cf. João Paulo Costa, *Op. Cit.*, 1049.

²² Cf. *Idem, Ibidem*, p. 1049.

²³ Cf. Gaspar Correia, *Lendas*, I, p. 898; Fernão Lopes de Castanheda, *História*, livro 2, cap. 195; João de Barros, *Ásia*, II, iii, 1.

Não podemos esquecer, porém, que as crónicas foram obras escritas posteriormente, pelo que poderíamos ser levados a considerar que este termo só havia surgido posteriormente mas que os cronistas já o utilizavam para descrever acontecimentos desta altura de forma errónea. No entanto, consultando uma carta de Afonso de Albuquerque, datada de 1508, este afirma o seguinte: “*Se s’aly meterem Rumis, que nóm façam muito dano das nossas naos*”²⁴. Deste modo, consideramos poder afirmar que, de facto, “rumes” era um termo que os portugueses já utilizavam, durante a expedição de 1508, para se referirem aos otomanos.

Ainda que houvesse alguma presença turca na expedição de 1508, esta não era, de todo, maioritária²⁵, pelo que somos levados a crer que este termo já era utilizado para designar os mamelucos, tal como mais tarde foi utilizado para se referirem aos otomanos.

Diogo do Couto, por seu turno, é o único cronista que assim que utiliza este termo pela primeira vez se apressa em explicar a origem do mesmo, uma vez que, segundo o próprio, poucas pessoas a conhecem. Couto diz-nos, então, o seguinte: “*Ja que falamos em Rumes (por que muito poucas pessoas sabem a differença que há d’elles aos Turcos) & donde vem este nome Rume, o diremos breuemente. He de saber que os verdadeiros Turcos são aquelles que deceraõ dos montes Caspios, & foraõ conquistar toda esta Natolia, toda esta Grecia, & o grande imperio de Constãtinopla. E porque a primeira parte que pouoarão foi a de Natolia, se camou d’elles a grão Turquia, porque elles trouxeraõ já cõsigo este nome de Turcos, porque decerão da prouincia de Turchestan (...) Os Rumes são todos aquelles naturaes da prouincia de Tracia, & d’aquella parte de Cõstantinopla que se chamou Romania (...) & seus naturaes romanis: & os Turcos depois corrompendo lhe o nome lhe chamarão Rumeli, & nos depois Rumes(...) Estes Rumes como procedem dos Gregos, tem se por mais hõrados que os Turcos, & na verdade le são auentajados em costumes, limpeza & valor: & onde quer que chegãõ logo se nomeãõ por Rumes a boca chea. E a mor afronta que se lhe pode fazer he, chamar a ú destes, Turco, por auerem a todos por baixos, torpes, & desprimorosos: esta he a rezãõ deste nome de Rume, & não a que dão algũs mal vistos nas historias, que dizem chamaren se assi por procederem dos Romanos, que ficarão n’aquelle Imperio do Egypto, depois que veyo a poder dos*

²⁴ Cf. João Paulo Costa, *Op. Cit.*, 1049.

²⁵ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 1049.

Soltãos.”²⁶. Diogo do Couto explica-nos, assim, que poucas pessoas sabiam qual a diferença existente entre turcos e rumes, pelo que podiam utilizar os dois termos indiscriminadamente. Segundo o próprio, os rumes tinham melhores costumes que os turcos, mais valor e mais “limpeza”. Porém, a verdade é que, ainda assim, o termo rume foi frequentemente utilizado nas crónicas com um forte sentido pejorativo, como se verá mais à frente.

No entanto, a acreditar-se nas palavras de Couto, se já era mau, aos olhos dos portugueses, ser-se rume, pior seria ser-se turco. Por fim, o cronista faz questão de salientar que, apesar do que muitas vezes se costumava pensar, os rumes não eram os descendentes dos romanos, presentes no Egipto. Egipto, esse, que em 1517 cairia em mãos otomanas.

Diogo do Couto é, não só, o único cronista que se preocupa em esclarecer quem são estes “rumes”, quando faz referência aos mesmos pela primeira vez, como é, na nossa opinião, o cronista que uma melhor explicação apresenta.

João de Barros fala da sua existência, como já foi visto, durante a expedição de 1508, mas apenas no decorrer da 4ª década da *Ásia* apresenta uma explicação genérica de quem são os mesmos. Segundo o cronista, estes haviam sido os indianos que chamaram aos gregos “rumij”, de onde havia derivado o termo “rume”²⁷.

Para Gaspar Correia ou Fernão Lopes de Castanheda não foi possível encontrar qualquer explicação. Ainda assim, consultando outro tipo de documentação que não apenas cronística, encontramos uma outra justificação, avançada por Garcia de Orta. O mesmo, tal como Diogo do Couto, estabeleceu uma distinção entre turcos e rumes, afirmando que os primeiros eram originários da *Ásia* menor ao passo que os rumes seriam os que ocuparam o antigo império bizantino: “*Os Turcos são da provincia de Natolia (que antes se dizia Asia Menor) e os Rumes erão os de Constantinopla e do seu emperio*”²⁸.

Apesar destas explicações coevas que são apresentadas para a origem deste termo, consideramos, no entanto, que o mesmo era utilizado muito arbitrariamente, durante a maior parte dos casos. Em primeiro lugar, pelo motivo já acima mencionado, de que na expedição de 1508 ainda poucos eram os turcos que estavam presentes na expedição que vitimou D. Lourenço de Almeida, e, ainda assim, o termo já era utilizado

²⁶ Cf. Diogo do Couto, *Ásia*, IV, viii, 9.

²⁷ Cf. João de Barros, *Ásia*, IV, v, 16.

²⁸ Cf. João Paulo Costa, *Op. Cit.*, 1049.

na altura dos acontecimentos, como nos prova a carta de Afonso de Albuquerque. Por outro lado, Gaspar Correia, reportando-se a acontecimentos de 1515, isto é, a acontecimentos ocorridos cerca de dois anos antes da queda do império mameluco em mãos otomanas diz o seguinte: “*Estando assy dom Aleixo em Ormuz, soube nouas certas que Mirocem, capitão dos rumes que Dom Francisco d’Almeida desbaratára em Dio, se fôra ao estreito, e se aposentára em Judá, e o Turquo lhe mandou que ahy estivesse até que o elle acupasse, porque elle avia de mandar armada à India, que deitasse os portugueses fora d’ella.*”²⁹.

Consideramos, deste modo, que Gaspar Correia nesta passagem concreta estava, claramente, a apelidar os mamelucos de rumes, uma vez que este afirma que o capitão dos mesmos era o capitão dos rumes, acabando, depois, por se referir a Selim I como “*o Turquo*”. Julgamos, assim, que esta passagem nos mostra como não existia uma utilização clara e distintiva do termo “*rume*”, podendo tanto ser utilizado pelos cronistas para se referirem aos mamelucos, como aos otomanos.

Consciência do poderio militar otomano

Fosse como fosse, apesar de termos dúvidas quanto à origem deste termo tantas vezes utilizado pelos portugueses para designar os otomanos e apesar de restarem, também, dúvidas quanto à utilização do mesmo para designar os mamelucos, como somos levados a crer, a verdade é que há algo que parece claro e sem margem para dúvidas: o facto de que os portugueses tinham uma clara consciência do poderio militar otomano.

Já durante o reinado de D. Afonso V, Rui de Pina o tinha, como vimos a cima, reportando-se à diferença de forças entre as tropas portuguesas e otomanas. Mais de cem anos se passaram, e na sua epopeia sobre os feitos dos portugueses, Luís Vaz de Camões afirmava que os reis cristãos europeus estavam mais preocupados com as lutas entre si, do que em combaterem o “*(...) o superbíssimo Otomano.*”³⁰, isto é, o “*muito soberbo*” império otomano. Império, esse, que apesar de muito soberbo era habitado por “*gentes inumanas*”, que, originárias da zona do Cáspio, conquistaram o império bizantino³¹.

²⁹ Cf. Gaspar Correia, *Lendas*, II, p. 480.

³⁰ Cf. Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, Canto I, 60.

³¹ Camões declarava: “*(...) aquelas gentes inumanas, / Que, os aposentos cáspios habitando, / A conquistar as terras asianas / Vieram, e, por ordem do destino, / O império tomaram a Constantino.*” Cf. *Idem, Ibidem*, Canto I, 60.

Por outro lado, também Gaspar Correia, nas suas *Lendas da Índia*, se referiu, ainda que não de forma directa e explícita, a esta consciência que os portugueses haviam da força otomana. Segundo o mesmo, em 1527, os otomanos estariam a preparar outra armada contra os portugueses. No entanto, devido a desentendimentos internos, que resultaram na morte do capitão dos mesmos, esta expedição acabou por não se concretizar. Ao que Correia declara que, deste modo, Christovão de Sousa, um português presente em Chaul “ (...) *folgou muyto, porque já estava desafrontado das novas dos Rumes (...)* ”³². Na nossa opinião, esta passagem concreta mostra-nos como, explícita ou implicitamente, os portugueses reconheciam a força dos otomanos, uma vez que nos é dito que este homem ficou muito “*desafrontado*” com tal novidade, ou seja aliviado ou descansado.

Medo dos otomanos

Mas também de forma implícita se consegue depreender outro factor. Os portugueses, por terem consciência da força deste império, tinham respeito e, até mesmo, temor por estes homens.

Inúmeras são as passagens, nas várias crónicas, que fazem referência a este facto. Começando por se falar nos “rumes”, os cronistas acabam por deixar transparecer um pouco o receio que existia por parte dos portugueses em relação aos mesmos.

Não pretendendo, de forma alguma, ser exaustivos, reportamo-nos aqui a apenas três situações, em que este medo não é implícito, mas sim bastante explícito.

A primeira situação é relatada por Gaspar Correia que afirma claramente que “*Dom Payo, que ficara em Adem como já disse, com medo dos rumes sempre dormia no mar nas fustas, porque arreceava que de noyte viessem os rumes ao porto*”³³.

O próprio Correia nos descreve uma séria de acções militares levadas a cabo pelos portugueses contra os otomanos, declarando que, mais tarde, estes recuaram. Segundo o próprio, um castelhano que assistiu aos acontecimentos terá afirmado que, claramente, este recuo da parte portuguesa se dava pelo medo que a mesma sentia em relação a estes guerreiros³⁴.

Diogo do Couto, por seu turno, não nos fala deste factor de forma tão declaradamente. Mas, ainda assim, diz claramente que os portugueses tinham “receio”

³² Cf. Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, III, p. 165.

³³ Cf. *Idem, Ibidem*, IV, p. 640.

³⁴ Cf. *Idem, Ibidem*, II, p. 271.

que os otomanos entrassem por um certo baluarte, pelo que o mandaram renovar, para que isso não acontecesse³⁵.

Pela superioridade que o império otomano sempre mostrou ter, pelo menos desde meados do século XV, os portugueses reconheciam a sua força e, devido à mesma, mostravam algum respeito e temor perante estes indivíduos. Até porque não nos podemos esquecer do que Castanheda afirma, referindo-se, ainda, a acontecimentos de 1504: “ (...) *Estes desta nau eram todos turcos e por isso pelejaram assim.*”³⁶.

Concluímos, deste modo, que os otomanos se distinguiram, desde cedo, dos restantes inimigos dos portugueses não só pela grandeza das suas forças militares como pela forma como estas eram utilizadas e que, por este motivo, os portugueses desde cedo se habituaram a temê-los e, até mesmo em certa medida, a admirá-los.

Forma como os portugueses descreviam os otomanos

Depois da morte de D. Lourenço de Almeida, em 1508, a armada turco-mameluca foi derrotada pelo vice-rei, D. Lourenço de Almeida, em Diu, em Fevereiro do ano seguinte³⁷.

Em 1510, o novo governador, Afonso de Albuquerque, atacou Goa, afirmando que, em parte, o ataque se devia ao facto de aquele local se ter transformado no principal refúgio dos guerreiros otomanos. Em relação aos mesmos terá dito: “*São homens que mais trabalham por conservar o crédito e sua fama, que nenhuma outra gente que tenho visto.*”³⁸.

Mas também João de Barros demonstrava a mesma admiração perante os mesmos, afirmando que se tratavam de homens valentes, que nunca se rendiam, e que haviam conseguido ilustres vitórias, apesar de se tratar de “*perfia gente*”³⁹.

Pois, por muito que os portugueses reconhecessem o seu poder e a sua força e que até os admirassem por isso mesmo, não nos podemos esquecer que os otomanos eram os grandes inimigos dos portugueses durante o século XVI. Eram inimigos, não só, em questões de fé como em questões político-militares, daí que não seja surpreendente que Francisco de Andrada logo no início da sua obra dedicada ao 1º cerco de Diu,

³⁵ Cf. Diogo do Couto, *Ásia*, VI, iii, 10.

³⁶ Cf. Fernão Lopes de Castanheda, *História*, livro 3, cap. 63.

³⁷ Segundo João Paulo Costa, os “rumes” sobreviventes espalharam-se pelo litoral indiano, passando a estimular os locais contra os portugueses. Cf. João Paulo Costa, *Op. Cit.*, 1049.

³⁸ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 1049.

³⁹ De facto, João de Barros afirmou o seguinte: “*levaram a cabo [Rumes] mui illustres victorias desta barbara, e perfia gente*” (Cf. João de Barros, *Ásia*, II, iii, 3), bem como “*os quaes eram tão valentes homens, que a pé quedo morrêram todos sem se quererem entregar.*”, (Cf. João de Barros, *Ásia*, II, iii, 6).

afirmasse que “*he lição & historia que edificará, por tratar de vitorias contra infieis*”⁴⁰.

No entanto, apesar de ser verdade que o império otomano era oficialmente muçulmano sunita, também não deixa de ser verdade que o mesmo, pela sua vasta expansão territorial, congregava no seu interior bastantes pessoas cristãs, nomeadamente ortodoxas. Aliás, segundo Dimitri Kitsikis, o império otomano tinha no seu seio “*(...) une société originale qui ne fut ni proprement chrétienne, ni proprement musulmane, mais essentiellement ottomane.*”⁴¹.

Constata-se, ainda assim, que os otomanos eram descritos como infiéis por parte dos portugueses. Mas para além de se considerarem estes indivíduos como muçulmanos e, portanto, infiéis, estes eram, também, tidos por traidores e desleais. Gaspar Correia referindo-se a uma discussão entre um português e um otomano, afirmava que o primeiro teria chamado ao segundo traidor, declarando de seguida que tal era condição inevitável de o mesmo ser otomano, uma vez que “*os turcos que com ninguém têm lealdade.*”⁴².

Vemos, desta forma, que apesar de, por um lado, os portugueses admirarem e, simultaneamente, temerem os otomanos que, por outro lado, tinham sempre presente que os mesmos eram seus inimigos e, deste modo, como em qualquer relação rival, não deixaram de os tentarem ofender, fosse a nível religioso, fosse a nível social ou cultural.

Ameaça otomana

Afinal, não nos esqueçamos que a expansão portuguesa foi desde sempre marcada por uma forte componente antimuçulmana. Desde o tempo do Infante D. Henrique que se procurava afincadamente o Preste João, para celebrar uma aliança com o mesmo. Esta não seria contra os otomanos, mas contra o Magrebe islâmico no geral e, no caso específico de D. Manuel I, contra os mamelucos⁴³. No entanto, já na fase final do seu reinado, este império acabaria por cair em mãos otomanas, o que levou a um contacto mais directo entre otomanos e portugueses.⁴⁴

⁴⁰ Cf. Francisco de Andrada, *O primeiro cerco que os turcos puserão ha fortaleza d Diu nas partes da Índia*, Coimbra, 1589, p.3

⁴¹ Cf. Dimitri Kitsikis, *Op. Cit.*, p. 15.

⁴² Cf. Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, III, pp. 545-546.

⁴³ Cf. João Paulo Costa, *Op. Cit.*, p. 1049.

⁴⁴ Aliás, segundo João Paulo Costa, a ameaça otomana durante o reinado de D. Manuel I era uma realidade longínqua. Nas suas cartas, Afonso de Albuquerque referia de forma passageira os guerreiros otomanos, como já vimos, mas não assinalava o perigo que este império poderia representar para o Estado Português da Índia. Cf. *Idem, Ibidem*, p. 1050.

Durante o reinado de D. João III, Soleimão esteve à frente dos destinos do mundo otomano, como já se referiu. Atingindo este império, nesta altura, o seu apogeu, uma vez que Soleimão havia prosseguido a expansão iniciada pelo seu pai, apostando em várias frentes: avançou pelo vale do Danúbio, conquistou a ilha de Rodas, ganhou influência no norte de África, dominou o mar Vermelho e a Mesopotâmia, acabando por conquistar Bagdade, em 1534, e Baçorá, em 1546⁴⁵. Desta forma, a ameaça otomana, nomeadamente durante o reinado de D. João III, atingia Portugal tanto pelo Mediterrâneo, como pelo Índico.

Apesar das várias investidas otomanas, estas nunca conseguiram, no entanto, expulsar os portugueses da Ásia, devido aos seus problemas internos, que lhe consumiam muito tempo e recursos, e devido à dispersão das suas forças entre a Europa e a Ásia⁴⁶.

Para além disso, a coroa portuguesa mantinha um esforço de guerra intenso no Índico tendo, inclusive, enviado uma segunda armada, com reforços militares, nos outonos de 1533, 1537 e 1547.⁴⁷ Ainda assim, D. João III também tentou uma via mais pragmática no início dos anos 40, tentando empreender algumas negociações. No entanto, o acordo fracassou e o conflito reacendeu-se, com particular incidência até 1554⁴⁸. Mas também no Mediterrâneo ocidental, devido aos avanços otomanos, Portugal se sentia ameaçado. E foi neste âmbito que, em 1555, D. João III enviou uma forte armada, composta por um galeão, duas naus grossas e vinte caravelas, para apoiar Carlos V no ataque a Tunes contra os otomanos.⁴⁹

Em relação a Marrocos, por sua vez, o império otomano ambicionava dominá-lo, nem que fosse por meio de um aliado. Neste sentido, Portugal viu-se obrigado a reforçar o número de navios destacados para controlar a costa algarvia. Em 1557, Portugal seria, inclusivamente, atacado em Mazagão. Porém, as relações entre marroquinos e otomanos eram tensas e duraram pouco⁵⁰.

Durante a menoridade de D. Sebastião, a ameaça otomana não cessava de crescer, quer no Índico quer no Mediterrâneo. Em 1571, a cristandade respirou fundo

⁴⁵ Cf. João Paulo Oliveira e Costa, «O Império Português em Meados do Século XVI» in *Mare Nostrum – Em Busca de Honra e Riqueza*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2013, p. 168.

⁴⁶ Cf. Dejanirah Couto, «Les Ottomans et l'Inde Portugaise», in *Vasco da Gama e a Índia. Conferência Internacional, Paris, 11-13 Maio 1998*, vol. I, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 184-185.

⁴⁷ Cf. João Paulo Oliveira e Costa, «O Império Português em Meados do Século XVI»..., p. 181.

⁴⁸ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 182.

⁴⁹ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 181.

⁵⁰ Cf. João Paulo Costa, s.v. «Turcos»..., p. 1050.

com a vitória de Lepanto. Porém, em 1574, os otomanos voltaram a ficar-se em Tunes e em 1576 conseguiram, por fim, colocar um aliado seu no governo de Marrocos⁵¹. A ameaça tornava-se, assim, ainda mais grave. Porém, com a morte de D. Sebastião e a chegada de Filipe ao trono a situação alterou-se profundamente, com o rei a estender a guerra com os mesmos até ao Mar Vermelho, talvez na tentativa de asfixiar a sua economia como D. Manuel I havia feito com os mamelucos⁵².

Conclusões

Temos, assim, no início do século XVI, um povo que foi mais “longe que gregos e troianos” e que, deste modo, transformou o mundo num local mais pequeno, como dizia Cadamosto⁵³.

Afinal, os portugueses chegaram a sítios onde os europeus nunca haviam chegado, descobrimento novas faunas e floras mas também novas sociedades e culturas. Tornando-se interessante averiguar de que forma os portugueses contactaram com um povo concreto, os otomanos, e que imagens tinham dos mesmos. Estes não eram desconhecidos na Europa, mas um contacto mais próximo com os mesmos permitia outro tipo de visões sobre estes. E, principalmente, permitia outro tipo de descrições que nunca seriam possíveis, caso permanecêssemos na Península Ibérica, sem contacto directo com o “outro”.

Concluimos, assim, que a expansão portuguesa foi muito mais do que um fenómeno de descoberta de territórios e de conquista dos mesmos, possibilitando também um contacto com o outro (de ambos os lados), que se torna interessante estudar, a fim de apurarmos de que formas o mesmo era percebido e descrito, muitas vezes por comparação (ainda que indirecta) com os próprios, ou com aquilo que já era conhecido anteriormente.

Pelo exposto se depreende que não existiu, na nossa opinião, uma clara distinção entre mamelucos e otomanos, na documentação portuguesa da época, nem uma clara atribuição do termo “rume”. Na nossa opinião, o mesmo era utilizado de forma muito arbitrária, até porque persistem muitas dúvidas em relação à origem do mesmo.

⁵¹ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 1050.

⁵² Cf. *Idem, Ibidem*, p. 1051.

⁵³ Cf. Luís de Albuquerque, António Luís Ferronha, José da Silva Horta, & Rui Loureiro, *O Confronto do Olhar. O Encontro dos Povos na Época das Navegações Portuguesas*, Lisboa, Caminho, 1991.

Começando a ser utilizado, ao que parece, pelo menos a partir de 1508, como nos atesta a carta de Afonso de Albuquerque, a proveniência deste termo não nos é explicada de imediato. Sendo a mesma explicada só posteriormente, já várias décadas depois desta expedição que vitimou D. Lourenço de Almeida, pelo que as explicações coevas que foram apresentadas, para a proveniência deste termo e para a sua utilização, não sejam as mais fidedignas⁵⁴.

Ainda assim, conclui-se que existia um claro reconhecimento, da parte portuguesa, do poderio militar otomano. Apesar de os dois impérios só terem chocado entre si, verdadeiramente, a partir de 1517, a verdade é que, pelo menos, desde o reinado de D. Afonso V que se tinha esta consciência. A mesma, aliada ao claro reconhecimento do trabalho, coragem e valentia destes homens, levaram os portugueses, desde muito cedo, a respeitar as forças otomanas e a temê-las.

Apesar de tudo isto, os otomanos eram vistos e descritos pelos portugueses como bárbaros, infieis, desleais ou inumanos, como afirmou Luís de Camões, entre outros termos. Pois apesar de os portugueses reconhecerem a sua força e valentia, a verdade é que tinham sempre presente que os mesmos se tratavam de inimigos seus, pelo que a admiração dava rapidamente lugar ao desprezo e a tentativas de vexação e de descredibilização dos mesmos.

Ainda assim, tal não impossibilitava que, em 1555, Luís Fróis se referisse nos seguintes moldes ao império chinês: “*é a maior cousa depois do Grão-Turco, que há no mundo sabida.*”⁵⁵

Conclui-se, deste modo, que no século XVI, os portugueses viam os otomanos como os seus inimigos políticos e religiosos naturais, mas que apesar de tal facto, nem por isso, deixavam de os respeitar e admirar pelo seu poderio e coragem. E foram estes dois factos relacionados que levaram, não raras vezes, a que os portugueses tivessem receio dos otomanos.

⁵⁴ Este termo poderia, também, servir para designar os soldados turcos ou egípcios, filhos de cristãos, que eram subtraídos às suas famílias, ainda enquanto crianças, a fim de aprender a combater e os princípios do Islão. Cf. João de Sousa Fonseca (direcção), s.v. “Rumes” in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXVI, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s. d..

⁵⁵ Cf. João Paulo Costa, s.v. «Turcos»..., p. 1050.

Fontes e Bibliografia

I. Fontes Impressas

1.1 – Crónicas

- BARROS, João de & COUTO, Diogo do, *Da Ásia*, 24 vols., Lisboa, Livraria Sam Carlos, 1973-1975.
- CASTANHEDA, Fernão Lopes de, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 2 vols., Porto, Lello & Irmão, 1975.
- GASPAR, Correia, *Lendas da Índia*, 4 vols., Porto, Lello & Irmão, 1975.
- PINA, Rui, “Chronica do Senhor Rey D. Affonso V” in *Collecção de livros ineditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II*, por José Correa da Serra, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1790-1793.

II – Instrumentos de Trabalho

2.1 – Dicionários e Enciclopédias

- ALBUQUERQUE, Luís de (direcção), *Dicionário dos Descobrimentos Portugueses*, vol. II, s.l., Círculo de leitores, 1994.
- CHAM – Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa. Disponível em: <http://www.fesh.unl.pt/cham/eve/>.
- FONSECA, João de Sousa (direcção), *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXVI, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s. d..

III – Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Luís de, FERRONHA, António Luís, HORTA, José da Silva & LOUREIRO, Rui, *O Confronto do Olhar. O Encontro dos Povos na Época das Navegações Portuguesas*, Lisboa, Caminho, 1991.
- BUESCU, Ana Isabel, *D. João III*, s.l., Círculo de Leitores, 2005.

- COSTA, João Paulo Oliveira e & Teresa Lacerda, *A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII)*, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2007.
- COSTA, João Paulo Oliveira e & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *Portugal y Oriente: el Proyecto Indiano del Rey Juan*, Madrid, Editorial Mapfre, 1992.
- COSTA, João Paulo Oliveira e, «O Império Português em Meados do Século XVI» in *Mare Nostrum – Em Busca de Honra e Riqueza*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2013, pp. 167-208.
- COUTO, Dejanirah, «Les Ottomans el l’Inde Portugaise», in *Vasco da Gama e a Índia. Conferência Internacional, Paris, 11-13 Maio 1998*, vol. I, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 181-200.
- FARINHA, António Dias, «As relações dos Portugueses com os Árabes e os Persas na Área do Índico» in *Vasco da Gama e a Índia. Conferência Internacional, Paris, 11-13 Maio 1998*, vol. I, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 167-179.
- IDEM, *D. Manuel I*, s.l., Círculo de Leitores, 2005.
- KITSIKIS, Dimitri, *L’Empire Ottoman*, Paris, Presses Universitaires de France, 1985.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay, *O Império Asiático Português, 1500-1700*, s.l., Difel, s.d.